

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

A PAREDE COMO SUPORTE DE IMAGENS ENDÓGENAS E EXÓGENAS NA CONTEMPORANEIDADE Aline Silva Okumura¹

Resumo:

Esta pesquisa surge da inquietação para entender como as imagens midiáticas estão influenciando a percepção do homem no mundo e principalmente em suas imagens arcaicas. Com o objetivo de entender se as imagens exógenas (externas) podem influenciar as imagens endógenas (internas), conforme a teoria de Hans Belting, o presente estudo busca nos elementos simbólicos e culturais estas interações.

Partindo da antropologia cultural que tem como base o estudo do comportamento humano na sociedade e da psicologia como elemento de análise do pensamento, pode-se compreender a complexidade do ser humano e a influência do espaço que habita.

Palavras-chave: Comunicação. Parede. Mídia Cultural. Imagem Endógena. Imagem Exógena.

1. As imagens nas paredes

A começar do período neolítico (dezessete mil anos a.C.), as paredes sempre estiveram presentes na vida do ser humano, inicialmente como um meio de proteção as variações climáticas e predadores. Tais paredes representam a relação do homem com a natureza, e, a necessidade dos habitantes em imprimir seu legado através de representações e marcas, permitindo as demais gerações compreender o desenvolvimento cultural através das caracterizações ritualísticas. Para entendermos a importância dos desenhos nas paredes, e, da relação humana com essas figuras, Ernst Gombrich (2011, p.40) explica que “os [povos]

¹ Artista Multimídia, bacharel e licenciada em Artes Plásticas pela Faculdade Paulista de Artes (2005), pós-graduada em Marketing pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2008), mestranda em Comunicação pela Universidade Paulista. Atualmente leciona no Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e nas Escolas Técnicas Estaduais do Centro Paula Souza (ETEC). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Escultura, Desenho Digital e pesquisadora sobre imagens e seus aspectos sociais. e-mail: aline.okumura@fmu.br.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

primitivos são, por vezes, ainda mais vagos a respeito do que é real e do que é imagem”. O homem primitivo não distinguia o real do imaginário. Assim, podemos entender que os desenhos presentes nas paredes das cavernas faziam parte de um processo mítico, imaginário e cultural do ser humano. Essas imagens, portanto, não seguiam uma ordem estética, reforçada pelo fato das pinturas estarem no fundo das cavernas em locais de difícil acesso, fazendo parte de algum ritual ou crença dessa sociedade.

As primeiras paredes de casas podem ser encontradas na aldeia de Hacilar, na Turquia (5.000 a.C.), caracterizadas por conter um amplo vão, sustentadas por colunas de madeira e divididas por tabiques leves. Entende-se por tabiques, paredes estruturais que separam ambientes, e, de certa forma objetivando travar uma construção. Com o passar do tempo essas paredes foram adornadas por imagens pintadas e esculpidas (BENEVOLO, 2015).

A evolução da imagem construída com base no pensamento estético e matemático de construção, ganha força durante a Revolução Industrial (séc. XIX), período que a sociedade está aprendendo a viver em grandes cidades. As paredes das casas, passam a receber imagens de fácil reprodutibilidade, e perdendo seus valores simbólicos, no qual, Walter Benjamin (2012, p.23) descreve como a perda de sua aura.

[...] o que desaparece na época da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. Esse processo é sintomático; seu significado vai muito além da história da arte. A técnica da reprodução, assim se pode formular de modo geral, destaca o reproduzido da esfera da tradição. Na medida em que multiplica a reprodução, coloca no lugar de sua ocorrência única sua ocorrência em massa. E, na medida em que permite à reprodução ir ao encontro daquele que a recebe em sua respectiva situação, atualiza o que é reproduzido. Esses dois processos conduzem a um violento abalo do que foi transmitido – um abalo da tradição, que consiste no reverso da atual crise e renovação da humanidade. Estão em estreita conexão com os movimentos de massa de nossos dias.

A escola Bauhaus, construída na Alemanha do início do século XX (DROSTE, 2010), também tem grande contribuição para um novo modo de morar contemporâneo, principalmente com os projetos arquitetônicos de Walter Gropius e Ludwig Mies van der Rohe que buscavam na racionalização, construções de baixo custo e rápida execução. As

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

paredes das casas viabilizadas por meio de técnicas aprimoradas de engenharia e inserção de imagens que combinassem com a decoração. Este estilo de morar, está presente ainda hoje, nas grandes cidades. As imagens das paredes e os móveis devem combinar conforme os projetos de decoração. O significados simbólicos das imagens presentes nas paredes vai se perdendo, como um fantasma, conforme relata George Didi-Huberman (2013, p.25) sobre os estudos de Aby Warburg:

Warburg substitui o modelo ideal das ‘renascenças’, das ‘boas imitações’ e das ‘serenas belezas’ antigas por um modelo fantasmal da história, no qual os tempos já não se calcavam na transmissão acadêmica dos saberes, mas se exprimiam por obsessões, ‘sobrevivências’, remanências, reaparições das formas. Ou seja, por não-saberes, por irreflexões, por inconscientes do tempo. Em última análise o modelo fantasmal de que falo era um modelo psíquico, no sentido de que o ponto de vista psíquico não seria um retorno ao ponto de vista ideal, mas a própria possibilidade de sua decomposição teórica.

Assim, a construção de um saber simbólico, cultural e antropológico em torno da imagem presente nas paredes das casas, se perdeu durante as descrições históricas, sendo que os seus significados continuam presentes no inconsciente dos moradores, podendo ser resgatados, conforme Didi-Huberman (2013) pela iconologia e pelos estudos: psicológico, antropológico e históricos.

2 A construção da imagem em símbolo

A imagem sempre esteve presente na vida humana, desde os desenhos nas paredes das cavernas aos painéis de um apartamento das grandes cidades. Esta dissertação busca descrever brevemente como as imagens são comunicantes nos espaços que habitamos, sendo as imagens carregadas de significados simbólicos.

Segundo Carl Gustav Jung (2008), símbolos são imagens produzidas no inconsciente do ser humano e sinais permitem que reconheçamos o propósito de objetos, imagens e siglas, mesmo que sejam simples abreviações ou marcas comerciais. Harry Pross ainda aponta que o símbolo está enraizado nas práticas culturais, sendo possível compreender uma cultura devido

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

circular livremente pelos meios de comunicação, além de serem identificados por meio do aspecto emocional (MARCONDES FILHO, 2009).

Para Jung (2008) os símbolos não tem uma significação clara e racional. O ser humano ao olhar uma imagem deverá compreender sua significação além do objeto exposto. Um símbolo está além da imagem que projeta. Os termos simbólicos com representação de conceitos impossíveis de serem traduzidos por imagem. Jung afirma que (2008, p.21):

Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que frequentemente utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente. Esta é uma das razões por que todas as religiões empregam uma linguagem simbólica e se exprimem através de imagens. Mas este uso consciente que fazemos de símbolos é apenas um aspecto de um fato psicológico de grande importância: o homem também produz símbolos, inconsciente e espontaneamente, na forma de sonhos.

A partir da produção de símbolos feita pelo ser humano, Jung (2008, p. 23) aponta ainda o fato que os sentidos humanos reagem aos fenômenos naturais, estes são levados para a esfera do inconsciente como fator de acontecimentos psíquicos de natureza ainda desconhecida pela ciência.

A partir da construção da ideia junguiana do ser humano de significar os objetos que o rodeia, Gilbert Durand (1993) apresenta como símbolo iconográfico aquelas imagens que possuem múltiplas redundâncias ou "cópias" de onde o pintor ou uma máquina representou tecnicamente. Durand (1993) aponta que os iconoclastas e as ciências exatas ganham suma importância a partir do século XVIII e conseqüentemente os símbolos e a imaginação perdem força e vão sendo esquecidos e deixados de lado.

O papel cultural da imagem pintada é minimizado ao extremo num universo em que o poder pragmático do signo triunfa diariamente.

O artista como o ícone, deixa de ter lugar numa sociedade que eliminou pouco a pouco a função essencial da imagem simbólica. Na sequência das vastas e ambiciosas alegorias do Renascimento, vemos também a arte dos séculos XVII e XVIII ser minimizada em puro 'divertimento', em puro 'ornamento'. [...] nasce o ornamentalismo acadêmico que dos epígonos de Rafael a Fernand Léger, passando por David e pelos epígonos de Ingres, reduz o papel do ícone ao da decoração. Mesmo nas revoltas românticas e impressionistas contra esta

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

condição desvalorizada, a imagem e o seu artista nunca irão atingir, nos tempos modernos, o poder de significação plena que possuem nas sociedades iconófilas [...] imagens que sutilmente varre e submerge o século XX, o artista procura desesperadamente ancorar a sua evocação para lá do deserto cientista da nossa pedagogia cultural (DURAND, 1993, p.23).

Segundo Durand (1993), as imagens presentes nas paredes das casas estão carregadas de material simbólico, porém pouco percebido conscientemente por seus moradores. As imagens presentes carregam consigo ideias de uma imagem simbólica porém ganham artificios e se perdem ao meio de objetos de decoração.

Esta percepção entre o espaço simbólico também é discutida pelo psicólogo cultural James Hillman (1993), com base nas ideias de Platão, o *anima mundi* (alma do mundo) se caracteriza pela existência de alma em todas as coisas, desde a vida humana e sua realidade psíquica composta de um sistema particular a objetos inanimados. A parede de uma casa pode tornar-se objeto de análise por meio das imagens que carregam símbolos e percepções da alma. Para Mauricio Ribeiro da Silva e Malena Segura Contrera (2013, p.103), com base nas ideias de Hillman, apontam que

Lugares seriam como amálgama de materialidade, história, mitos e arquétipos (o *genius loci* – espírito do lugar – dos romanos), uma espécie de identidade única, porém partilhada coletivamente na medida em que torna possível sua experiência pelos habitantes. Nesse sentido seria, mais do que cultura material, a própria materialização da cultura, estabelecida na concretude. Hillman chama de espaço o topos material, ou ainda a abstração matemática, a pura virtualidade, considerados em sua natureza objetiva, desprovida de qualquer atribuição de sentido social. Quando esse espaço recebe significação, quando ele é ocupado por um imaginário que o anima, ou seja, quando é portador da *anima mundi*, transforma-se então em lugar. Não mais um espaço neutro e impessoal, mas sim um lugar capaz de acolher os significados culturais. Para ele, essa ligação entre alma e cidade pode ser percebida a partir de imagens tradicionais da própria alma, especialmente as imagens associadas à reflexão, à profundidade, à memória e à animação/imaginação.

As paredes das casas recebem uma representação simbólica, já que protegem o morador, assim como também recebem dele imagens que irão compor o universo íntimo dos habitantes deste lugar. Hillman (1993, p.16) também aponta que "a alma do individuo nunca

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

avança além da alma do mundo, porque elas são inseparáveis, uma sempre implica na outra." Desta forma os ambientes internos também carregam consigo imagens que foram influenciadas pela alma do mundo e identificados com a alma do seu morador.

O universo íntimo também pode ser entendido pela percepção e sensação da *aisthesis* (do grego “inspirar ou conduzir o mundo para dentro”), principalmente ao observar uma imagem através de seu *eidolon* (percepção estética). Nas imagens presentes nas paredes dentro do universo íntimo do lar a *aisthesis* é conduzida pelo *eidolon* e interpretadas pelo órgão mais sensível do corpo que é o coração (HILLMANN, 1993).

Para os gregos estoicistas, a estética era fundamental para organização e arrumação das ideias gerando um *kosmos* no ambiente, para eles *kosmos* significava também *anima mundi*, as demonstrações de imagens geradas por uma linguagem das belas-artes ou trabalhos manuais eram interpretadas como uma virtude do ser humano não sendo interpretadas pela dicotomia de questões estéticas mas sim de expressões e representações da alma. Para Hillmann (1993, p.24) "um mundo sem alma não oferece intimidade", o ser humano ao se expressar por uma imagem também embute o seus sentimentos e as características de sua cultura. As paredes dos lares recebem imagens e estas devem ter uma relação com a alma de seu morador.

O espaço de convivência também recebe as bases antropológicas de uma cultura, para Gaston Bachelard (1974, p. 200-201), a casa é nosso canto onde os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos, desta forma o autor apresenta a casa como um espaço para memórias de infância e afeto, gerando lembranças de carinho e proteção, portanto as imagens presentes nestes ambientes serão carregadas para sempre na memória dos seus moradores.

As expressões humanas presentes nas imagens pregadas nas paredes das casas podemos compreender seus significados antropológicos e suas funções sociais. O filósofo Dietmar Kamper (2016) aponta que as imagens são representações humanas com diferentes significados. Ao pendurarmos uma imagem em uma parede, estamos comunicando ao mundo as três funções das imagens: seu significado mágico, sua representação artística e a sua

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

simulação técnica. Desta forma, o homem ao interpretar as imagens também analisa o contexto da sua imaginação cultural ou mágico como comenta o autor, a sua representação estética ou artística e sua reprodutibilidade ou simulação técnica pode expor a mesma imagem em locais diferentes.

As imagens presentes nas paredes das casas estão em um ambiente íntimo, este ambiente chamado pelos gregos de lares, manes ou gênios, tinha o significado de aconchego e proteção dos Deuses. Segundo o historiador Fustel de Coulanges (2009), as casas greco-romanas não possuíam a mesma parede comum á duas casas, porque o recinto sagrado dos deuses domésticos desapareceria, segundo a religião que seguiam. Para um romano,

Sua casa é para ele o que para nós é um templo, onde encontra seus deuses e seu culto. Seu lar é um deus; as paredes, as portas, a soleira, são deuses; os marcos que rodeiam seu campo são ainda deuses. O túmulo é um altar, e seus antepassados criaturas divinas (COULANGES, 2009, p. 227).

Todas estas representações simbólicas antigas irão interferir no universo cultural e na construção do pensamento humano ocidental, desta forma quando falamos que um objeto ou imagem tem um aspecto especial estamos falando de todos os aspectos culturais e simbólicos que este carrega. Estes serão traduzidos por representações internas.

1.4.3 Imagens Endógenas e Imagens Exógenas

Hans Belting (2014) aponta que a palavra imagem em alemão *Bild* significa tanto "imagem" como "quadro", em inglês as palavras *image* (imagem) e *picture* (quadro) representam coisas distintas, ou seja, imagem como algo distinto de quadro e quadro como suporte para esta imagem. Desta forma a parede pode ser entendida como imagem que carrega em sua superfície símbolos da representação de uma cultura. Belting (2014, p.13) explica imagens endógenas e exógenas:

Em termos antropológicos, argumentei contra o rígido dualismo que, tantas vezes, pretende distinguir entre representação 'interna' e 'externa', ou entre representação 'endógena' e 'exógena', para utilizar a terminologia corrente na investigação neurobiológica. O nosso cérebro é, sem dúvida, a sede da

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

representação interna. Todavia, as imagens endógenas reagem às imagens exógenas, que tendem a dominar este incessante vaivém. As imagens não existem apenas na parede (ou no ecrã da TV), nem existem somente nas nossas cabeças. Não podem desprender-se de um processo contínuo de interações que deixou os seus vestígios na história dos artefactos. Esta constante interação prossegue mesmo na nossa época de imagens digitais.

As imagens não são um meio de comunicação, e sim os meios de comunicação que se utilizam de imagens para que as tornem visíveis, ou seja, a imagem precisa de um suporte para se tornar visível. Se analisarmos por meio da ótica da história da arte, esta trouxe uma visão contemplativa para a imagem. Durante o Renascimento a ideia de olhar para algo esteticamente belo reforçou o olhar da imagem somente para a estética da peça, durante este período os artistas estavam mais preocupados com as questões estéticas e de fenômenos ópticos do que com o conceito e o impacto simbólico que a imagem produzida poderia inferir sobre a sociedade, isso não significa que as obras não continham força simbólica. As imagens foram um meio de catequização do ser humano durante muitos séculos. Já a filosofia por meio dos estudos da estética propõe a abstração do conceito de imagem e a psicologia com base nos estudos da *Gestalt*, propõe a construção da percepção da imagem (BELTING, 2014).

Quando falamos de corpo pensamos imediatamente em algo material e ao falarmos de imagem, relacionamos a ideia de um meio. A imagem para Belting (2014) não tem corpo, mas precisa de um meio no que se corporalize. Desta forma as imagens tem necessidade de corporificar-se em uma tela digital, um quadro, uma parede.

As primeiras imagens humanas que conhecemos se iniciaram na pré-história e passaram a ter como suporte as paredes das cavernas, assim as paredes ganham o aspecto de corpo ou meio natural para o florescimento das imagens. As imagens passam a perpetuar-se no tempo e a parede faz parte deste corpo transmissor de ideias e significados não ocultando a simbologia presente nas imagens.

Vilém Flusser (2009) descreve a imagem como um biombo do mundo encobrendo o verdadeiro processo simbólico que está por trás, tornando o homem um admirador de imagens

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

construídas. Esse ocultamento do significado simbólico irá fazer com que o ser humano passe a acreditar cegamente nas imagens processadas e interferidas.

O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. Não mais decifra as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas. Tal inversão da função das imagens é idolatria (FLUSSER, 2009, p.9).

Desta forma a magia de se olhar uma imagem é transformada em verdade, mesmo que os nossos olhos se enganem com a imagem que foi construída. Essa verdade passa a ser idolatrada pelo espectador, acreditando estar frente a imagem verdadeira. Para Aristóteles imagens "são partículas materiais que se desprendem das coisas e penetram nos nossos olhos" (BELTING, 2014 p.34) podemos entender que as imagens exógenas penetram no nosso corpo e é processada por nossos pensamentos e fixada na memória. Assim uma imagem colocada em um veículo de massa poderá influenciar nas imagens endógenas dos espectadores.

Esta abordagem por meio da ação não-consciente do indivíduo que procura organizar o mundo e o sujeito que o habita se revelam pelas escolhas que se faz em relação a uma corporalidade, que ele, pretensamente, objetiva assumir para sua existência em um certo mundo social. E isso passa a valer para as outras "escolhas" que ele faz, como, no caso, dos objetos decorativos que vem preencher os espaços do seu pequeno universo: sua casa.

A imagem constitui uma unidade e contém um sentido particular: expressão da situação do consciente e do inconsciente, constelados por experiências vividas pelo indivíduo e das suas ações na sociedade globalizada.

O domínio de uma economia globalizada sobre a vida política e a padronização de costumes devida à maciça apresentação dessas experiências como imagens, na nova mídia, concorrem para criar mudanças no modo como trabalhamos, para reduzir a influência dos estados nacionais e para aumentar a permeabilidade e homogeneidade das culturas, assim como divulgar novos hábitos. [...] O papel e o significado da diversidade cultural e o caráter dos atuais modos de vida sofreram mudanças no processo de globalização. Devido ao aspecto contingente do desenvolvimento social e cultural, inesperadas formas de sincretismo e hibridismo evoluem. Essas resultam, claro, em novas formas casa vez mais híbridas e em riscos à diversificação (WULF, 2014, p.536).

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

O princípio crítico desenvolvido a partir da escola de Frankfurt aponta que a mídia tem grande intervenção no processo cultural, e, portanto, na sociedade, pois, absorve em seus processos culturais as referências midiáticas. As casas costumam ter imagens em suas paredes como princípio cultural, sendo colocadas pelo morador como uma lembrança de um lugar visitado pelo residente ou tendo como objetivo a decoração do espaço.

Segundo Norval Baitello Jr (2014) aponta que existe um intenso processo de privatização dos espaços, os espaços que antes eram para celebração e proximidade passam a ser parte de um comércio que tenta de qualquer maneira impor suas propagandas. O espaço residencial que faz parte do íntimo, da comunhão e de encontros começa a receber imagens midiáticas, deixando de ser um espaço de convívio para se tornar um cenário midiático.

Este processo fica evidente ao folhearmos qualquer revista de decoração em uma banca de jornal, principalmente na sessão antes e depois da entrada de um arquiteto em uma residência, conforme evidência na Figura 1 e 2, em anexo. A rede de canais de televisão a cabo também apresentam diversos programas com a temática de decoração faça e decore da forma como estou sugerindo, inclua na sua parede certa imagem de uma celebridade.

Este artigo propõe uma reflexão acerca desta parede que recebeu e ainda recebe imagens. A parede se tornou um veículo cultural, e ainda hoje não nos atentamos sobre as imagens que convivem no nosso dia a dia e nos nossos espaços íntimos. Essa imagem exógena, presente hoje na parede das casas, pode se tornar uma imagem endógena sem ao menos percebermos o poder deste veículo.

BIBLIOGRAFIA

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. **A Serpente, a Maçã e o Holograma: Esboços para uma Teoria da Mídia**. São Paulo: Paulus, 2010.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

_____. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens.** São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2012.

BELTING, Hans. **Antropologia da Imagem: para uma ciência da imagem.** Lisboa: KKYM+EAUM, 2014.

_____. **Imagen y Culto.** Madrid: Ediciones Akal, 2009.

_____. **O fim da história da arte – uma revisão dez anos depois.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade.** São Paulo: Perspectiva, 2015.

BENJAMIM, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica.** Porto Alegre: Zouk, 2012.

CASSIRER, Ernst. **Antropologia Filosófica.** São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972.

COULANGES, Numa Denis Fustel de. **A cidade antiga: estudo sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma.** São Paulo: Martins Claret, 2009.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DROSTE, Magdalena. **Bauhaus archiv 1919-1933.** Berlim: Taschen, 2010.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica.** Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral.** 3^oed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini-Aurélio século XXI escolar: O minidicionário da língua portuguesa.** 4a edição. Coordenação: Margarida dos Anjos e Marina Baird Ferreira. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade.** São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia.** Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A história da arte.** Rio de Janeiro: LTC, 2011.

12^o Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero
<http://www.casperlibero.edu.br> | interprogramas@casperlibero.edu.br

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

HILLMAN, James. **Cidade & Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

JUNG, Carl Gustav. [et.al.]. **O homem e seus símbolos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KAMPER, Dietmar. **A Imagem**; in: Biblioteca do CISC. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/biblioteca/viewcategory/3-kamper-dietmar.html>>. Acesso em 22 de maio de 2016.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 13.ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **Dicionário de Comunicação**. 2º ed., [livro eletrônico]. São Paulo: Paulus, 2009.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo**. 2º ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1969.

SILVA, Mauricio Ribeiro da. **Na órbita do imaginário: Comunicação, imagem e os espaços da vida**. São José do Rio Preto: Bluecom, 2012.

_____, CONTRERA, Malena Segura. **O Simbólico e o Ciberespaço: O papel do imaginário na experiência cibernética da cidade**. Comunicação, narrativas e territorialidades. Disponível em: <<http://www.pos.eco.ufrj.br>> ISSN 2175-8689 – v. 16, n. 3, p. 98-112, set./dez. 2013.

STRICKLAND, Carol. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

WULF, Christoph. **Antropologia: história, cultura, filosofia**. São Paulo: Annablume, 2014.

12^o interprogramas de mestrado

Faculdade Cásper Líbero

ANEXO

Figura 1: Projeto de decoração com alteração de quadros nas paredes²



Figura 2: Projeto de decoração com alteração de quadros nas paredes



Fonte: Site da revista Minha Casa, 2015.

² Disponível em: <<http://minhacasa.uol.com.br/noticias/antes-e-depois/solucoes-para-ter-um-quarto--espacoso-e-aconchegante.phtml#.VgNaISBVikp>> Acesso em: nov. 2015.